

O PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA E OS ENTRAVES NA ESCOLARIZAÇÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA

THE PHYSICAL EDUCATION TEACHER AND THE OBSTACLES TO THE SCHOOLING OF STUDENTS WITH DISABILITIES

EL PROFESOR DE EDUCACIÓN FÍSICA Y LOS OBSTÁCULOS EN LA ESCOLARIZACIÓN DE ESTUDIANTES COM DISCAPACIDAD

Francianne Farias dos Santos¹ 0000-0003-0215-9157
Dorimar Gomes Ferreira² 0000-0001-6622-0047
João Otacilio Libardoni dos Santos³ 0000-0002-1048-8164

¹Universidade Federal do Amazonas – Manaus, Amazonas, Brasil; francianne.ufam@gmail.com

²Secretaria de Estado de Educação e Qualidade de Ensino do Amazonas – Manaus, Amazonas, Brasil; dorimargomesferreira824@gmail.com

³Universidade Federal do Amazonas – Manaus, Amazonas, Brasil; jlibardoni@ufam.edu.br

RESUMO:

No contexto escolar, a inclusão nas aulas de Educação Física (EF) deve oferecer ao aluno a oportunidade de frequentar e ter educação de qualidade atendendo as suas necessidades. Assim, o presente estudo elencou como objetivo: investigar como ocorre o processo de inclusão de alunos com deficiência nas aulas de EF na cidade de Manaus, a partir do olhar dos professores. A pesquisa caracteriza-se como descritiva com abordagem qualitativa e foi realizada em 2 (duas) escolas municipais de Manaus, nas quais foram entrevistados 3 (três) professores de Educação Física. Para a coleta de dados foi aplicado um roteiro de entrevista semiestruturado e os achados foram submetidos à Técnica de Análise de Conteúdo. As categorias para a análise foram pré-estabelecidas a partir do roteiro de entrevista. Os resultados são discutidos nas categorias: Formação e A Participação dos alunos. Os resultados apontam que apesar dos significativos avanços no que concerne aos direitos à educação para as pessoas com deficiência, ainda é possível identificar atitudes que revelam uma exclusão oculta, em que os profissionais definem “se” ou “quem” irá participar ou não de suas aulas utilizando de critérios próprios. Ainda no contexto manauara, observou-se a carência de profissionais de EF atuando nas escolas. Para além das atitudes e tomadas de decisão dos professores de EF, compreende-se que a escola é um espaço democrático, em constante evolução, que necessita de um trabalho em equipe e uma reestruturação organizacional macro que vise a aprendizagem, participação e acesso de todos os estudantes.

Palavras-chave: educação física; inclusão; aluno com deficiência.

ABSTRACT:

In the school context, inclusion in Physical Education (PE) classes should offer the student the opportunity to attend and have quality education, meeting their needs. Thus, the present study aimed to: investigate how the process of inclusion of students with disabilities in PE classes in the city of Manaus takes place, from the perspective of teachers. The research is characterized as descriptive with a qualitative approach and was carried out in 2 (two) municipal schools in Manaus, where 3 (three) Physical Education teachers were interviewed. For data collection, a

semi-structured interview guide was applied and the findings were submitted to the Content Analysis Technique. The categories for analysis were pre-established from the interview script. The results are discussed in the categories: Training and Student participation. We realized that despite the significant advances in the core of education rights for people with disabilities, it is still possible to identify attitudes that reveal a hidden exclusion, in which professionals define “if” or “who” will participate or not in their classes using its own criteria. In the manauara context, there was a lack of PE professionals working in schools. In addition to PE teachers' attitudes and decision-making, it is understood that the school is a democratic space, in constant evolution that requires teamwork and a macro organizational restructuring aimed at learning, participation and access of all students.

Keywords: physical education; inclusion; student with disability.

RESUMEN:

En el contexto escolar, la inclusión en las clases de Educación Física (EF) debe ofrecer al estudiante la oportunidad de asistir y tener una educación de calidad que satisfaga sus necesidades. Así, el presente estudio tuvo como objetivo: investigar cómo ocurre el proceso de inclusión de estudiantes con discapacidad en las clases de educación física en la ciudad de Manaus, desde la perspectiva de los docentes. La investigación se caracteriza por ser descriptiva con enfoque cualitativo y fue realizada en 2 (dos) escuelas municipales de Manaus, en las que fueron entrevistados 3 (tres) profesores de Educación Física. Para la recolección de datos se aplicó una guía de entrevista semiestructurada y los hallazgos se sometieron a la Técnica de Análisis de Contenido. Las categorías de análisis fueron preestablecidas a partir del guión de la entrevista. Los resultados se discuten en las categorías: Formación y Participación estudiantil. Los resultados indican que a pesar de avances significativos en materia de derechos a la educación de las personas con discapacidad, aún es posible identificar actitudes que revelan una exclusión oculta, en la que los profesionales definen “si” o “quién” participará o no en sus actividades. utilizando sus propios criterios. En el contexto de Manaus, faltaban profesionales de EF trabajando en las escuelas los estudiantes.

Palabras clave: educación física; inclusión; estudiante con discapacidades.

Introdução

Os direitos a educação para pessoas com deficiência surgem em um documento oficial no Brasil a partir da Lei nº. 4.024/61, ofertando a educação preferencialmente no sistema geral de ensino, promulgados também na Constituição Federal de 1988, com o Brasil como Estado-participante da Declaração de Salamanca e da Convenção sobre os Direitos da Pessoa com Deficiência, com influência dos organismos e movimentos internacionais (Unesco, 1994; Brasil, 1961, 2008). Conforme Mantoan (2001), até 1990 as políticas nacionais de educação eram “[...] voltadas ao atendimento terapêutico e assistencial, em detrimento do educacional, propriamente dito e assim deram-se início as discussões de uma educação na perspectiva inclusiva”.

A Declaração de Salamanca é o marco mundial sobre a educação de alunos com alguma deficiência ou necessidade educacional, no Brasil é a precursora de diversos documentos discorrendo o conceito de educação para todos. A escola é discutida como um ambiente destinado a todos os alunos com suas distintas características e condições físicas, intelectuais,

sociais, econômicas, emocionais, linguísticas e entre outras (Unesco, 1994, Santos, 2019). A partir dessas ações em torno da inclusão escolar, os direitos à educação perpassam por outras reformulações até a construção da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, garantindo a todos os alunos a aprendizagem, considerando a igualdade e diferença como valores indissociáveis (Brasil, 2008).

A inclusão escolar se reverbera para além da garantia de matrículas, abrange as oportunidades de aprendizagem, vinculando-se aos sentimentos de afetividade, ao aluno se sentir bem, pertencente, ativo e valorizado (Santos; Matos; Santos, 2020). Coelho (2010) e Lelis (2015) descrevem que a inclusão não será efetivada apenas por mudanças legislativas, mas envolve também a construção da sensibilização na sociedade para o enfrentamento das barreiras impostas ao longo do tempo que normalizavam a exclusão. Paula (2008) considera que a participação deve ser iniciada no seio familiar, desdobrando-se no contexto sociocultural e político, nas instituições e serviços de atendimento, sobre a inclusão, esta não pode ser empregada como sinônimo de integração ou inserção, ela é a construção de uma sociedade para todos em que os ambientes sociais são os alvos de mudanças e não as pessoas com deficiência, em relação à igualdade é pontuado que aquilo que reproduz a desigualdade precisa ser eliminado.

Desse modo, com a construção da Educação Inclusiva é garantido o direito a um ensino que atenda a todos de forma equitativa e com qualidade, devendo ser pensada de forma ampla, visualizando os contornos da escola e a formação dos professores, reconhecendo a importância de todos os profissionais da educação no processo de inclusão. Os diversos espaços escolares brasileiros são orientados e solicitados a cumprirem as normativas legais educacionais, que garantem a inclusão e matrícula de alunos com deficiência em escolas regulares, no entanto, é possível que ainda ocorram exclusões nas disciplinas e atividades que constroem a escola.

Destarte, destacamos a importância da disciplina Educação Física (EF) na inclusão de alunos com deficiência nas escolas, segundo Rodrigues (2003) como disciplina curricular obrigatória não pode ser inerte à inclusão. A Educação Física é um componente curricular inserido na área de Linguagens e Ciências Humanas da atual Base Nacional Comum Curricular – BNCC – Lei nº 13.415/2017.

[...] Nessa concepção, o movimento humano está sempre inserido no âmbito da cultura e não se limita a um deslocamento espaço-temporal de um segmento corporal ou de um corpo todo. Nas aulas, as práticas corporais devem ser abordadas como fenômeno cultural dinâmico, diversificado, pluridimensional, singular e contraditório. Desse modo, é possível assegurar aos alunos a (re)construção de um conjunto de conhecimentos que permitam ampliar sua consciência a respeito de seus movimentos e dos recursos para o cuidado de si e dos outros e desenvolver autonomia para

apropriação e utilização da cultura corporal de movimento em diversas finalidades humanas, favorecendo sua participação de forma confiante e autoral na sociedade (Brasil, 2017, p. 211).

Nesse sentido, Stempczynski e Silva (2014) descrevem o papel do professor de EF não como de um treinador de habilidades, mas um profissional que busque tornar as aulas um espaço para todos. Ao professor compete desenvolver situações que contemplem os interesses de todo o grupo, respeitando a individualidade de cada aluno, buscando a sua plena participação, através de estratégias que busquem desenvolver o indivíduo em todos seus aspectos.

Assim, concordamos com Fiorini e Manzini (2018) e Santos, Matos e Santos (2020) que a inclusão nas aulas de EF envolve diversos fatores desde as atitudes de todos os profissionais da educação, acessibilidade, oportunidades de aprendizagem, fatores socioemocionais e mudanças concretas na comunidade escolar, entretanto, é comum que os professores se sintam despreparados, com inúmeros questionamentos de como atender as necessidades dos alunos com e sem deficiência. Chicon, Mendes e Sá (2011) e Fiorini e Manzini (2016) descrevem como uma significativa barreira nas práticas dos docentes a fragilidade dos cursos de formação inicial e continuada, principalmente atrelada a ausência de disciplinas e experiências práticas durante todo o curso com alunos público-alvo da Educação Especial. Corroborando, estudos que investigaram as lacunas presentes na formação de professores de EF identificaram que docentes formados há mais de 30 anos demonstravam atitudes contrárias à inclusão, também observaram que professores sem formação continuada se sentiam inseguros e com atitudes excludentes (Alves *et al.*, 2017; Fiorini; Manzini, 2014).

Coates e Vickerman (2008, tradução nossa) e Haegele e Sutherland (2015, tradução nossa), descreveram a partir de revisões da literatura as percepções de alunos com deficiências sobre as aulas de EF, elencando experiências negativas de discriminação, além das barreiras físicas e ausência ou carência de recursos pedagógicos, indisposição dos professores em adaptar as aulas e exclusão das atividades por seus pares sem deficiência, contribuindo significativamente para que os alunos não se sentissem incluídos nas aulas.

Considerando esse panorama, é imprescindível investigar as distintas realidades brasileiras, principalmente para se avaliar e exigir a efetividade dos avanços legislativos ocorridos nos últimos anos na educação dos alunos público-alvo da Educação Especial. Desse modo, o presente estudo traçou como objetivo: investigar como ocorre o processo de inclusão de alunos com deficiência nas aulas de Educação Física na cidade de Manaus, a partir do olhar dos professores.

Caminhos metodológicos

A pesquisa é descritiva com abordagem qualitativa e foi realizada em 2 (duas) escolas municipais de ensino regular da cidade de Manaus, que possuíam a disciplina Educação Física, com professores graduados na área, lecionando para alunos com algum tipo de deficiência (física, auditiva, visual ou intelectual), inseridos no Ensino Fundamental I. Conforme os procedimentos éticos, a pesquisa foi submetida à Plataforma Brasil para apreciação ética e aprovada sob o parecer de número 2.898.655.

Para a realização do estudo solicitamos a autorização para coleta de dados da Secretaria Municipal de Educação (SEMED), por conseguinte fizemos a escolha por conveniência de 2 escolas localizadas na zona urbana da cidade de Manaus. A primeira escola situa-se na zona leste, a qual iremos denominar de E1 e a segunda situa-se na zona centro-oeste, denominada de E2. A E1 contava com um professor de EF atuando nos dois turnos, na E2 haviam dois professores atuando em turnos diferentes. Dessa forma, após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido fizeram parte de nossa investigação, três professores de Educação Física.

Para a coleta de dados foi aplicado um roteiro de entrevista semiestruturado adaptado de Costa (2015). As entrevistas foram realizadas individualmente, nos horários de intervalo dos professores e o roteiro seguiu a sequência: perguntas de identificação e perfil do profissional, para que por conseguinte realizássemos as específicas sobre a atuação deles nas aulas. Cada entrevista durou entre 10 a 15 minutos, todas gravadas em áudio com o auxílio do gravador de voz e posteriormente transcritas na íntegra.

Após a transcrição, os achados foram submetidos à Técnica de Análise de Conteúdo do tipo Categorical proposta por Bardin (2016). As categorias (Quadro 1) escolhidas nesta pesquisa, foram pré-estabelecidas a partir do roteiro de entrevista, utilizando as regras recomendadas pela autora.

Quadro 1: Categorias de Análise e Perguntas do Roteiro de Entrevista Semiestruturado

FORMAÇÃO	Durante a sua formação inicial você cursou alguma disciplina a respeito da inclusão escolar ou sobre a pessoa com deficiência? Como você avalia a sua formação inicial/graduação em termos de abordagem ao tema inclusão? Você já participou de algum curso sobre inclusão escolar? Qual?
-----------------	---

<p>A PARTICIPAÇÃO DOS ALUNOS</p>	<p>E qual é a sua opinião sobre a inclusão de estudantes com deficiência? Em sua opinião, o que é preciso para promover a inclusão do estudante com deficiência nas aulas Educação Física? O que você acha necessário ser adotado pelos professores para promover a inclusão escolar? Os alunos com deficiência das turmas regulares participam das aulas de Educação Física? (Se a resposta for não ou às vezes, seguimos para as próximas perguntas: Por que ele não participa? Onde esses alunos ficam no horário das aulas de Educação Física?). Você tem dificuldades em incluir o aluno com deficiência em suas aulas? Quais são essas dificuldades? Você acredita que o seu trabalho é importante para o aluno com deficiência? Por quê?</p>
---	---

Fonte: Elaborada pelos autores, com base no roteiro de entrevista adaptado de Costa (2015).

Assim, durante a explanação dos resultados adotaremos codinomes para preservar a identidade dos professores entrevistados. Na E1, entrevistamos o professor Paulo, que tem 40 anos e atua como profissional de EF há 11 anos. Na E2, entrevistamos o professor Márcio, com idade de 46 anos, atuando há 14 anos e o professor Davi de 43 anos atuando há 13 anos na rede pública de ensino.

Resultados e Discussão

Os contextos nos quais os professores estão inseridos são escolas regulares da zona urbana da cidade de Manaus que atendem alunos do Ensino Fundamental. As aulas práticas de Educação Física das escolas investigadas ocorrem em distintos espaços improvisados: refeitórios, pátios e corredores. Os resultados elencados a partir das entrevistas realizadas e após a Análise de Conteúdo, serão apresentados e discutidos através das categorias: Formação e Participação dos alunos.

Formação

Aos serem indagados sobre a formação inicial, todos os professores afirmaram que cursaram a disciplina “Educação Física Adaptada” na graduação. Quando questionados a respeito desta disciplina, Paulo¹ elencou ter participado de uma boa disciplina com um bom

¹ Entrevista de pesquisa concedida em 16 de outubro de 2018, na cidade de Manaus.

professor, despertando o interesse de seguir carreira profissional na área da Educação Especial, na qual atua por 10 anos, contribuindo com projetos, instituições e secretarias voltadas para pessoas com deficiência. O professor entrevistado afirma ainda: “eu tive uma boa disciplina, um bom professor né?! E desde lá eu gostei de trabalhar com pessoas com deficiência, PCD. Hoje, para mim é o meu campo.”

Em contrapartida, os professores Márcio e Davi avaliaram suas formações iniciais de forma negativa, com foco de estudo para uma determinada deficiência. Apesar disso, Davi afirmou que buscou atualizações ao longo dos anos e Márcio limitou-se apenas a caracterizar sua formação como fraquíssima.

Davi:² olha, um pouco deficiente, se comparada a formação da época, me formei em 2003 até agora, que a inclusão era mais para quem era cadeirante, ou surdo, ou PC, eu não tive informação sobre deficiência mental ou mesmo autismo, foram mais deficiências físicas, aí eu tive que me atualizar.

Em relação à formação continuada, Paulo possui pós-graduação em Libras, e os três professores afirmaram participar constantemente de cursos na área, ofertados pela SEMED.

Márcio:³ já, já foram vários, porque a prefeitura dá cursos ocasionalmente, antes de eu seguir a área fitness, eu fazia também.

Davi:⁴ sim, a SEMED ela sempre nos proporciona esses cursos, formações.

Na Resolução CNE/CP nº1/2002 são estabelecidas as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, definindo que as instituições de ensino superior devem contemplar em seus currículos de formação docente a atenção à diversidade e conhecimentos sobre alunos com necessidades educacionais especiais (Brasil, 2008). Entretanto, observamos ao longo das falas dos professores investigados, que estes foram contemplados com uma única disciplina voltada para a inclusão, enfatizada em uma determinada deficiência em específico e de maneira simplificada. De acordo com Santos, Matos e Santos (2020), a ausência da temática inclusão na grade curricular dos cursos de formação inicial e continuada é um elemento que poderá negativamente no trabalho dos professores de EF junto aos alunos com e sem deficiência.

Rossi e Munster (2019) corroboram este debate sobre a precariedade no currículo dos cursos de formação dos professores de Educação Física, em que o conteúdo inclusão é comumente retratado somente em uma disciplina, com tempo insuficiente para o

² Entrevista de pesquisa concedida em 30 de outubro de 2018, na cidade de Manaus.

³ Entrevista de pesquisa concedida em 06 de novembro de 2018, na cidade de Manaus.

⁴ Entrevista de pesquisa concedida em 30 de outubro de 2018, na cidade de Manaus.

aprofundamento teórico e prático. Através dos discursos de alguns egressos do ano de 2012, as autoras observaram também que a temática inclusão e aluno com deficiência foi vivenciada em outras disciplinas obrigatórias e optativas da grade curricular, entretanto, superficialmente. Carvalho (2019) destaca que a formação recebida nos cursos de Ensino Superior ainda é fragilizada e trata-se de uma barreira significativamente presente nas práticas dos professores.

Os profissionais investigados por Rossi e Munster (2019), afirmaram que se sentiam parcialmente preparados para atuarem no contexto inclusivo, pois, vivenciaram conteúdos mais teóricos do que práticos da realidade escolar durante a formação inicial. Nessa concepção, os professores investigados por Silveira *et al.* (2021) se autoavaliaram como capazes no desenvolvimento do trabalho inclusivo, entretanto, no decorrer das entrevistas observaram-se lacunas no que se refere aos conhecimentos básicos que englobam a teoria e prática desses profissionais. Silva, Silveira e Marques (2022) em contraponto aos nossos resultados, identificaram que na formação inicial de professores da rede municipal do Rio Grande, os conteúdos sobre a inclusão foram contemplados em uma disciplina específica e também vivenciados de forma interdisciplinar em boa parte da grade curricular, articulando teoria e prática, impactando positivamente na atuação docente.

Nesse sentido, Cruz e Tassa (2019) reforçam sobre a necessidade de mudanças na configuração da formação inicial, para que se ofereça todo o suporte necessário aos futuros professores, os autores elencam sobre a importância de romper com as concepções de que a formação continuada deverá solucionar as lacunas advindas desde a graduação, para que se concretize mudanças reais em prol da inclusão.

Desse modo, as melhorias nos cursos de Educação Física poderiam emergir desde a reestruturação da matriz curricular, inserindo as questões sobre as deficiências e inclusão em todas as disciplinas, vivências em locais que atendam pessoas com deficiências, incentivo para participação em projetos, grupos e eventos que contemplem discussões sobre a inclusão, ainda a realização do estágio supervisionado obrigatório prioritariamente em instituições que contemplassem a diversidade de alunos com e sem deficiência (Rossi; Munster, 2019; Silva; Silveira; Marques, 2022).

No que se refere à formação continuada, observamos nas falas dos três professores que a SEMED promove cursos constantemente, fato este que Fiorini (2011) aponta como crucial para ocorrer o aperfeiçoamento do trabalho do professor e conseqüentemente os alunos com e sem deficiência irão aprender juntos de forma mais positiva. Silva, Silveira e Marques (2022) também elencam sobre a importância dos conhecimentos adquiridos na formação inicial e continuada aliados as vivências do cotidiano docente, auxiliando os professores a refletirem

sobre suas práticas. Conforme Costa (2015), para que a inclusão seja concretizada nas aulas de Educação Física, os professores necessitam de uma base profissional que contemple: atualização contínua, boa vontade em realizar aulas inclusivas e ainda uma formação inicial em que possam compreender a importância do seu trabalho no processo inclusivo.

Em um estudo realizado no contexto manauara, Cabo Verde (2019) identificou que a SEMED promove constantes cursos de atualizações para os professores de EF, entretanto, há uma tímida participação desses profissionais. O mesmo autor salienta que muito se fala na ausência de formação e a implicação disto nas atitudes e práticas pedagógicas, ainda assim, mesmo quando há uma rede de apoio que oferece cursos para o aperfeiçoamento do trabalho docente, parte desses profissionais, por motivos desconhecidos não aderem à formação ofertada. Nessa perspectiva, Greguol, Malagodi e Carraro (2018) encontraram atitudes mais positivas e favoráveis à inclusão de alunos com deficiência, em profissionais que buscaram cursos de aperfeiçoamento.

Ao se pensar em melhorias relacionadas à formação continuada, enfatizamos a formação em serviço, uma importante e enriquecedora experiência, sua organização contempla a realidade vivenciada no dia a dia escolar. O planejamento destes cursos junto as secretarias de educação e escolas precisa emergir das necessidades específicas e reflexões pessoais dos profissionais, contribuindo na melhoria de práticas que vislumbrem a inclusão de todos os alunos.

Desta forma, acreditamos que a formação dos professores precisa ser visualizada em um aspecto amplo e contínuo, considerando a estruturação da grade curricular das instituições de ensino superior, os programas de formação e a organização escolar. Além disso, é necessário que se busque um diálogo mais próximo com os professores, para que se tracem estratégias que estimulem a participação dos profissionais nas formações ofertadas pelas secretarias de educação.

A participação dos alunos

Ao serem questionados sobre o que pensam em relação à inclusão de estudantes com deficiência em suas aulas, todos os professores apresentaram discursos positivos de que seria “legal” e que devem ser incluídos, entretanto, demonstraram preocupação com a vivência dos alunos nas escolas de forma geral.

Márcio:⁵ eu acho a ideia sensacional, mas acho os meios operantes falhos né? Porque a inclusão eu acho que a inclusão deve existir desde que os professores estejam altamente capacitados, tenham estrutura e tenham ajuda, tanto interna quanto externa, aí acho que existe a inclusão. A inclusão conforme é feita hoje, eu não acredito até que ponto é vantajoso para o sistema, sistema que eu digo: para a criança e para o professor.

Davi:⁶ na verdade, na minha visão não existe inclusão, existe inserir o aluno. Você está vendo alguma rampa aqui? Esse colégio ele tem escada... eu vejo que a inclusão é só no papel, é só no papel, na prática, não existe, não existe. O que existe é boa vontade em adaptar, porque aqui é o seguinte, o espaço que eu te falei não é adaptado, você não vê aluno cego aqui. É só no papel, o que acontece, os professores na boa vontade tentam adaptar dentro do limite.

Paulo:⁷ hoje a visão dos pais tá mudando, o filho não tá mais naquele cantinho, entre quatro paredes, tá saindo mais, tá se divertindo mais, tá tendo oportunidade de praticar Educação Física. Então, a meu ver, a inclusão é isso, é você dá oportunidade para a criança, não só criança né, qualquer público com deficiência ter a oportunidade de praticar uma atividade física e hoje graças a Deus eu vejo isso. Têm muitos projetos sociais que dão oportunidade da criança sair de casa e praticar alguma atividade. E os pais estão tendo essa visão, mas antigamente não, era muita superproteção, não podia nada que o menino ia ficar doente, não podia correr que ia cair.

A partir dessas respostas, destacamos as contradições nas falas dos professores, que apontam a inclusão como algo utópico devido às barreiras arquitetônicas e organizacionais encontradas em seu dia a dia, contudo, também se destaca a importância da relação escola-professor-aluno-família como fundamental para que se desenvolva a inclusão dos alunos.

Nessa perspectiva, Barcelos *et al.* (2020) ao investigarem sobre a inclusão escolar a partir da narrativa dos professores de Educação Física em Tocantins, identificaram a ausência de apoio da gestão escolar, acessibilidade e de estrutura física para as aulas de EF como barreiras vivenciadas no dia-a-dia desses profissionais, implicando no atendimento às demandas dos alunos com deficiência. A questão arquitetônica das escolas também é elencada nos trabalhos de Fiorini e Manzini (2014), Silva *et al.* (2022) e Silveira *et al.* (2021). Costa (2015), ressalta a importância da acessibilidade aos espaços da escola e a adaptação de materiais, para que o aluno consiga participar de maneira mais autônoma, não somente nas aulas de EF, mas também em todos os seus momentos de vida escolar.

Em relação à família, Fiorini e Manzini (2014) apontam que quando os pais não aceitam ou negam a deficiência do seu filho e ainda o proibem de participar das aulas, os professores de EF sentem dificuldades para incluí-lo. Stainback e Stainback (1999) enfatizam a importância do senso de comunidade, no qual todos participam, colaboram em prol de satisfazer as necessidades dos educandos e conseqüentemente fomentem escolas e turmas inclusivas, com apoio não somente do corpo docente, mas também das famílias e da sociedade em geral.

⁵ Entrevista de pesquisa concedida em 06 de novembro de 2018, na cidade de Manaus.

⁶ Entrevista de pesquisa concedida em 30 de outubro de 2018, na cidade de Manaus.

⁷ Entrevista de pesquisa concedida em 16 de outubro de 2018, na cidade de Manaus.

Em resposta sobre o que seria preciso para promover a inclusão dos estudantes com deficiência nas aulas de EF, o entrevistado Paulo⁸ informou que nas escolas os alunos já têm a oportunidade de serem incluídos, porém, a carência de materiais diversificados contribui para que as aulas sejam menos atrativas e dinâmicas, tornando-se monótonas e repetitivas. Relato que indica uma lacuna ao que é assegurado a esse público no Art. 59 inciso I da LDB: técnicas e recursos educativos para atender suas necessidades (Brasil, 2013). Fiorini e Manzini (2014) também encontraram dificuldades atribuídas a ausência de recursos que atendessem as necessidades dos alunos com deficiência, com pouca variedade, em más condições e não funcionais a determinadas deficiências. Ainda conforme os mesmos autores, os recursos pedagógicos constituem mais um dos conteúdos a serem trabalhados nos cursos de formação continuada com momentos teóricos e práticos.

Nessa concepção, conforme Fiorini e Manzini (2014), Oliveira (2016), Santos, Matos e Santos (2020) existem outras barreiras além da prática docente que interferem no movimento de inclusão, um exemplo são as condições de trabalho do professor, destacando a ausência de acessibilidade, materiais pedagógicos, currículo e parcerias com outros profissionais da escola.

Sobre a percepção dos professores entrevistados com relação à Educação Física, na concepção do professor Márcio⁹ existe a facilidade da disciplina em incluir, por se tratar de brincadeiras e jogos adaptados, o que pode favorecer a participação de todos. De forma geral, o mais importante para ele é a realização de um bom planejamento das aulas, em que um planejamento flexível irá auxiliar no trabalho com diversos públicos.

De acordo com Rodrigues (2003), a disciplina EF tem características que contribuem no desenvolvimento de práticas inclusivas, pois os conteúdos ministrados apresentam um grau de rigidez menor do que em outras disciplinas, os professores possuem maior liberdade para organizar os conteúdos das aulas e têm maior facilidade na relação interpessoal com os alunos. Fiorini (2011) e Silva *et al.* (2022) se referem a facilidade da Educação Física para incluir, aos aspectos das aulas práticas, lúdicas, recreativas e prazerosas, porém, deve ser ministrada de forma solidária e respeitando a todos os alunos, para que a escola e as aulas sejam espaços agradáveis.

Assim, consideramos que os professores devem preocupar-se mais com o tipo de atividade que escolhem durante o planejamento e a maneira em que as propõe, pois, as aulas precisam contemplar os interesses de todo o grupo, serem dinâmicas e interessantes,

⁸ Entrevista de pesquisa concedida em 16 de outubro de 2018, na cidade de Manaus.

⁹ Entrevista de pesquisa concedida em 06 de novembro de 2018, na cidade de Manaus.

oportunizando ainda distintas situações e novas descobertas, respeitando suas individualidades, almejando a sua plena participação mediante estratégias que busquem desenvolver o indivíduo em todos os seus aspectos (Alves, 2013).

Neste sentido, o professor Davi¹⁰ também nos diz que mesmo diante das diversas dificuldades a inclusão já acontece, porém, o entrevistado relaciona a resposta com a sua prática, nos relatando que uma estratégia utilizada é trazer 1 aluno público-alvo da Educação Especial por vez/semana para as suas aulas, mesmo que na turma existam outros e salienta não acreditar na inclusão.

Davi:¹¹ na verdade, ela já acontece, de maneira deficitária, mas acontece. Eu pego 1 aluno por vez, por semana, apenas 1, agora se tem 5, 6 alunos *deficientes* e outros 25 alunos, ou eu olho os 6, ou os 25. É uma saída, tem aluno que chora, têm meninos que tem Síndrome de Down, alunos agressivos, como fica? Por isso que eu não acredito nessa inclusão, se tem que jogar “Ai, vamos adaptar”. Se há um preparo todo, se há uma logística, sim, agora não como está sendo feito atualmente. Na escola pública eu não vejo (a inclusão).

Márcio:¹² eu acho legal, a ideia é boa, a gente não tem qualificação, a grande maioria dos professores (não tem), isso é uma realidade do mercado, a gente não tem a qualificação necessária para isso. Se torna um trabalho muito árduo para o professor, eu não sei se ele alcança, sinceramente, se ele vai alcançar o objetivo final.

Nesses discursos, mais uma vez nos deparamos com a inclusão em um sistema com barreiras a serem superadas, relacionadas à fragilidade da formação, apoio logístico e à quantidade de alunos presentes nas turmas. Ao identificarmos essas barreiras, percebemos que as formações inicial e continuada têm contribuído timidamente na construção de profissionais que disseminem práticas inclusivas. Entretanto, é importante lembrar as palavras de Oliveira (2016) quando diz que o fracasso ou o sucesso de uma educação inclusiva não é de responsabilidade exclusivamente do professor, mas que ele é parte de toda uma organização mais complexa e em desenvolvimento.

Os discursos de negação, oposição, de dúvidas ou questionamentos sobre a inclusão, surgem relacionados com as atitudes positivas ou negativas nas práticas dos profissionais e estão correlacionados a diversos fatores, como: idade do profissional, o nível de ensino em que está lecionando, a formação específica e experiência em classes inclusivas (Cabo Verde, 2019; Greguol; Malagodi; Carraro, 2018; Silva; Silveira; Marques, 2022; Silveira *et al.*, 2021).

Ainda em concordância com os resultados encontrados neste estudo, Alves (2013) identificou que alunos com deficiência visual tinham participações limitadas nas aulas de EF, vivenciavam a não aceitação do professor, isolamento e bullying. Percebe-se ainda nas falas de

¹⁰ Entrevista de pesquisa concedida em 30 de outubro de 2018, na cidade de Manaus.

¹¹ Entrevista de pesquisa concedida em 30 de outubro de 2018, na cidade de Manaus.

¹² Entrevista de pesquisa concedida em 06 de novembro de 2018, na cidade de Manaus.

nossos professores investigados que a quantidade de alunos em sala de aula influencia para acontecerem exclusões, nossos resultados se assemelham aos estudos de Costa (2015), Fiorini (2011), Fiorini e Manzini (2014) e Seabra Júnior (2012). Dentre outros aspectos, Falkenbach e Lopes (2010) acreditam que as dificuldades em incluir advêm também da indisponibilidade dos professores em aceitar mudanças, refletir e transformar a sua conduta, da ausência de experiência profissional, interesse e criatividade.

Sendo assim, a participação dos alunos com deficiência é possível quando se vê além do biológico, estimula-se aquilo que ele pode realizar, em que os professores reconsideram as suas práticas a partir da compreensão do aluno e lhe oferecem condições de participação. Sobre as práticas inclusivas concordamos com Falkenbach *et al.* (2007), quando afirmam que enquanto as ações pedagógicas apresentarem como objetivo o ganhar ou perder, melhor ou pior, sempre haverá espaço para exclusões.

Nos discursos de Paulo¹³ e Davi¹⁴, percebe-se a inexistência da disciplina Educação Física para algumas séries presentes nas escolas. Porém, Paulo e Márcio afirmam que nas turmas contempladas pelas disciplinas, apesar de encontrarem dificuldades relacionadas ao espaço físico e materiais diversificados, os estudantes com deficiência participam de suas aulas. Davi, em uma das escolas na qual leciona, não contempla 7 turmas em que há alunos com deficiência, nesta mesma perspectiva Paulo nos informa:

Paulo:¹⁵ não, é porque, na verdade aqui era para ter dois professores, são 16 salas, e eu não tenho como dar aula para todos, de manhã eu dou aula para 2º e 3º anos, e a tarde 4º e 5º. E a escola tem desde a Educação Infantil.

Diante dessa realidade, observamos a problemática a partir do que Fiorini e Manzini (2014) denominam de questão administrativo-escolar, referindo-se a tudo aquilo que ocorre internamente das escolas, como infraestrutura e suporte para o trabalho do professor, quanto ao que acontece externamente, mas que se relaciona ao ambiente escolar, como, por exemplo, as legislações e políticas das secretarias de educação. A partir disso, ressaltamos com preocupação, a organização e configuração da Educação Física na realidade investigada, em que encontramos uma quantidade significativa de turmas não contempladas com a disciplina. Mesmo com a legislação municipal vigente, muitas turmas sequer possuem a disciplina EF em seu currículo, o que os excluem antecipadamente, tanto estudantes com deficiência como os sem deficiência.

¹³ Entrevista de pesquisa concedida em 16 de outubro de 2018, na cidade de Manaus.

¹⁴ Entrevista de pesquisa concedida em 30 de outubro de 2018, na cidade de Manaus.

¹⁵ Entrevista de pesquisa concedida em 16 de outubro de 2018, na cidade de Manaus.

Devido à ausência ou carência de profissionais na rede de ensino, pensamos nos prejuízos que os estudantes em geral poderão ter, ao serem excluídos das vivências que os conteúdos da EF proporcionam e no ferimento da garantia legislativa por qual a disciplina é embasada, ainda na luta pelo espaço do profissional nas escolas. Carvalho (2000) destaca a importância de se olhar para além do aspecto quantitativo, não adianta ofertar apenas matrículas nas escolas, mas sim de dispor aprendizagem de qualidade aos alunos.

As dificuldades elencadas entre os professores investigados, permearam ainda pela ausência do laudo dos alunos, nossos resultados vão ao encontro dos achados de Fiorini e Manzini (2014), que também identificaram dificuldades para incluir atribuídas a não apresentação do laudo dos alunos. Entretanto, compreendemos que o laudo médico não pode ser utilizado como um critério que impossibilite o aluno a ser matriculado ou frequente as aulas de EF, pois, a concepção que defendemos neste trabalho é da inclusão e que para fins educacionais o laudo médico não pode ser um impeditivo. Silva e Ribeiro (2017) alertam sobre a utilização do laudo como dispositivo norteador das práticas dos professores, pois, esse instrumento destaca somente os aspectos biológicos que afetam a aprendizagem e não indica alternativas de cunho pedagógico.

O auxílio de outro professor especialista na área de Educação Especial ou monitor durante as aulas também foram citados nos discursos dos professores. Nesse sentido, entendemos que o trabalho colaborativo é uma estratégia que pode ser utilizada pelo professor nas aulas de Educação Física. Enfatiza-se, conforme a literatura de Santos, Matos e Santos (2020), que este auxílio não se limita ao trabalho com outro professor/monitor, mas que toda a comunidade escolar: funcionários, famílias, alunos com e sem deficiência fazem parte dessa organização. Oliveira (2018), propõe a partir do trabalho colaborativo, a consultoria colaborativa como serviço de suporte para a inclusão escolar, em que professores especialistas são inseridos nas instituições de ensino regular para auxiliar os professores no enfrentamento das barreiras referentes à inclusão. Apesar das dificuldades apontadas, os professores entrevistados acreditam que seus trabalhos são importantes para os alunos com deficiência, por diversos motivos:

Paulo:¹⁶ com certeza, é porque eu acho que a EF ela é a disciplina que consegue tirar o aluno daqueles 4 cantos da parede. Então, através da EF a gente consegue dinamizar esse controle deles e eles conseguem participar, dá para trabalhar a questão do comportamento, parcerias com outros professores, trabalhar interdisciplinaridade, para tá incluindo eles e aprendendo alguma coisa, principalmente o comportamento.
Márcio:¹⁷ eu acredito, porque essa criança vai se sentir mais abraçada não só pela

¹⁶ Entrevista de pesquisa concedida em 16 de outubro de 2018, na cidade de Manaus.

¹⁷ Entrevista de pesquisa concedida em 06 de novembro de 2018.

escola, mas pela sociedade. Eu acredito que é um trabalho muito importante, mas também acredito que eu poderia ajudar muito mais, eu e outros professores de EF ou professores de sala de aula, se nós tivéssemos suporte, tanto de material quanto humano, de especialista na área.

Nesse contexto, os estudos de Silva *et al.* (2022) e Silveira *et al.* (2021) descreveram a partir dos discursos dos professores, a importância da inclusão para os alunos com deficiência nas aulas de EF, relacionando aos benefícios para o desenvolvimento motor e cognitivo, melhorias na autoestima, no sentimento de igualdade e na socialização.

Ao refletirmos diante das falas dos professores investigados nesse trabalho, compreendemos que muito se desenvolveu em nosso país em termos de legislações para a inclusão escolar, porém, há muito ainda o que se avançar na quebra de barreiras, sejam elas de formação, organizacionais, arquitetônicas, atitudinais e/ou pedagógicas. Então, compreendemos que o grande desafio das escolas que recebem alunos com deficiência ou com infinitas individualidades específicas, é a superação do paradigma de integração. Ressalta-se que para o sucesso na aprendizagem dos alunos com deficiência, faz-se necessário o envolvimento de todos os setores da escola e não apenas o professor, isso porque todo o ambiente educacional tem o papel fundamental em propiciar ao aluno condições equitativas de participação.

A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (Brasil, 2008), considera a articulação intersetorial na implementação das políticas públicas como uma das garantias para o acesso, a participação e a aprendizagem dos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação nas escolas regulares. É importante que a equipe gestora apoie as práticas inovadoras e saiba buscar apoio dos diferentes setores, por meio de um trabalho colaborativo junto a equipes intersetoriais: gestores, educadores, profissionais da área social, saúde e famílias.

Para tornar-se inclusiva a escola, é preciso também revisitar os processos formativos de professores e equipe de gestão, rever formas de interação vigentes entre todos os segmentos que a compõe e que nela interferem, precisa-se realinhar sua estrutura organizacional, o projeto político pedagógico, os recursos didáticos, metodologias e estratégias de ensino, bem como suas práticas avaliativas. A proposta de educação inclusiva implica, portanto, um processo de reestruturação de todos os aspectos constitutivos da escola, envolvendo a gestão de cada unidade e os próprios sistemas educacionais.

Conclusões

Considerando o nosso objetivo principal da pesquisa, entendemos que, ao trazer a discussão vinculada a disciplina Educação Física e o movimento de inclusão em Manaus, percebemos que apesar dos significativos avanços no que concerne aos direitos à educação para as pessoas com deficiência, ainda é possível identificar atitudes que revelam uma exclusão oculta, em que os profissionais definem “se” ou “quem” irá participar ou não de suas aulas, utilizando de critérios próprios. Critérios estes baseados em suas concepções e experiências pessoais e/ou profissionais.

É importante deixar claro que não temos ambição de apontar culpados, mas sim de entender como e se ocorre a inclusão dos alunos com deficiência nas aulas de EF, para podermos refletir e buscar alternativas para melhorar este processo. Acreditamos que, embora este estudo tenha visado ouvir os professores, é perceptível que esses profissionais encontram dificuldades para além de suas práticas, como fragilidades na formação inicial e continuada, questões organizacionais, escassez de materiais pedagógicos e ausência de espaços apropriados para as aulas.

Dessa forma, entendemos que o papel da equipe gestora é fundamental na articulação de parcerias intersetoriais, no sentido de apoiar e criar uma cultura de formação profissional em serviço aos professores, identificando e trabalhando coletivamente na resolução de problemas pedagógicos concretos. Aliás, o trabalho colaborativo e a intersetorialidade são pressupostos da construção da cultura de uma escola inclusiva.

Enfatizamos ainda a necessidade de que outras pesquisas sejam desenvolvidas no contexto investigado, visando contribuir cientificamente, fazendo-se presente nas discussões nacionais e internacionais sobre a temática e oferecendo também visibilidade às questões locais, em busca de melhorias para a aprendizagem dos alunos público-alvo da Educação Especial.

Referências

ALVES, Maria Luiza Tanure. **O aluno com deficiência visual nas aulas de Educação Física: análise do processo inclusivo**, 2013. 77 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2013.

ALVES, Maria L. T.; STORCH, Jalusa A.; HARNISCH, Gabriela; STRAPASSON, Aline M.; FURTADO, Otávio L. P. da C.; LIEBERMAN, Lauren; ALMEIDA, José J. G. de; EDISON, Duarte. Physical Education Classes and Inclusion of Children with Disability: Brazilian Teachers' Perspectives. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, v. 23, n. 4, p. 1229–1244,

out./dez. 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1153/115354182007.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2024.

BARCELOS, Marciel; MARTINS, Rodrigo Lema Del Rio; BONFAT, Daniela Lima; BRITO, Lucas Xavier. A inclusão na Educação Física escolar: um estudo narrativo com professores de Miracema do Tocantins/TO. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 32, n. 63, p. 01-18, julho/dezembro, 2020. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S2175-80422020000300129&script=sci_abstract. Acesso em: 04 set. 2023.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 10 jan. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **LDB nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961**. 1961. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L4024.htm. Acesso em: 10 jan. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducuespecial.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **LDB nº 59; 12.796, de 4 de abril de 2013**. 2013. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 10 jan. 2023.

CABO VERDE, Evandro Jorge Souza Ribeiro. **Atitudes de professores de Educação Física em relação à inclusão de alunos com deficiência**. 2019. 73 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Amazonas, Manaus – AM, 2019.

CARVALHO, Rosita Edler. **Removendo barreiras para aprendizagem: Educação Inclusiva**. 6. ed. Porto Alegre: Mediação, 2000.

CARVALHO, Rosita Edler. **Educação inclusiva: com os pingos nos "is"**. 13. ed. Porto Alegre: Meditação, 2019.

CHICON, José Francisco; MENDES, Katiuscia Aparecida Moreira de Oliveira; SÁ, Maria das Graças Carvalho Silva de. Educação física e inclusão: a experiência na Escola Azul. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, v. 17, n. 04, p. 185–202, out./dez. 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/21257>. Acesso em: 30 jan. 2024.

COATES, Janine; VICKERMAN, Philip. Let the children have their say: Children with special educational needs and their experiences of Physical Education - a review. **Support for Learning**, Liverpool, v. 23, n. 4, p. 168–175, nov. 2008. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/j.1467-9604.2008.00390.x>. Acesso em: 29 jan. 2024.

COELHO, Cristina Massot Madeira. **Inclusão escolar**. In: MACIEL, Diva de Albuquerque; BARBATO, Silvine. Desenvolvimento humano, educação e inclusão escolar. Brasília: Editora UnB, 2010. p. 55 – 71.

COSTA, Camila de Moura. **Inclusão de Estudantes com Deficiência Visual nas Aulas de Educação Física: Um Estudo de Caso**. 2015. 212 f. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) - Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos - SP, 2015.

CRUZ, Gilmar de Carvalho; TASSA, Khaled Omar Mohamad El. Da formação à prática docente: produção de uma Educação Física Inclusivo-desenvolvimental. In: ALVES, Maria Luíza Tanure; FIORINI, Maria Luiza Salzani; JÚNIOR, Rubens Venditti (org.). **Educação Física, diversidade e inclusão: debates e práticas possíveis na escola**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2019. p. 55-71.

FALKENBACH, Atos Prinz; CHAVES, Fernando Edi; NUNES, Dileni Penna; NASCIMENTO, Vanessa Flores do. A inclusão de crianças com necessidades especiais nas aulas de Educação Física na educação infantil. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 37–53, mai./ago. 2007. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/3544>. Acesso em: 10 dez. 2022.

FALKENBACH, Atos Prinz; LOPES, Elaine Regina. Professores de Educação Física Diante da Inclusão de Alunos com Deficiência Visual. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 13, n. 3, p. 118, set./dez. 2010. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/index.php/fef/article/view/9469>. Acesso em: 10 dez. 2022.

FIORINI, Maria Luiza Salzani. **Concepção do Professor de Educação Física sobre a Inclusão do Aluno com Deficiência**. 2011. 145 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2011.

FIORINI, Maria Luiza Salzani; MANZINI, Eduardo José. Inclusão de alunos com deficiência na aula de educação física: identificando dificuldades, ações e conteúdos para prover a formação do professor. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 20, n. 3, p. 387-404, jul./set. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/ND8hHt9gKnHDTZwMdyns3JG/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 jan. 2023.

FIORINI, Maria Luiza Salzani; MANZINI, Eduardo José. Dificuldades e Sucessos de Professores de Educação Física em relação à inclusão escolar. **Rev. Bras. Ed. Esp**, v. 22, n. 1, p. 49–64, jan./març. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/9DgGGb7khDNxQX8CK7hrqGj/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 30 jan. 2024.

FIORINI, Maria Luiza Salzani; MANZINI, Eduardo José. Estratégias de Professores de Educação Física para Promover a Participação de Alunos com Deficiência Auditiva nas Aulas. **Rev. Bras. Ed. Esp**, Marília, v. 24, n. 2, p. 183-198, abr./jun. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/PdNFXTkjnKcsS3NBLpTctQL/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 jan. 2023.

GREGUOL, Marcia; MALAGODI, Bruno Marson; CARRARO, Attilio. Inclusão de Alunos com deficiência nas Aulas de Educação Física: Atitudes de Professores nas escolas regulares. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, Marília, v. 24, n. 1, p. 33-44, 2018.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbee/a/HWcyz3zrkHLwYRMMCHT9j6D/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 02 dez. 2022.

HAEGELE, Justin; SUTHERLAND. Perspectives of Students with Disabilities Toward Physical Education: A Qualitative Inquiry Review. **Quest**, v. 67, n. 3, p. 255-273. 2015.

Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00336297.2015.1050118>.

Acesso em: 29 jan. 2024.

LELIS, Synara Adriana Lino. **Família e Inclusão**: a percepção de pais sobre o processo de ensino-aprendizagem de seus filhos com deficiência no contexto da escola. 2015. 43f.

Monografia (Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar) - Programa de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano, Universidade de Brasília, 2015.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **A Educação Especial no Brasil** – da exclusão à inclusão escolar, 2001. Disponível em: <http://www.lite.fe.unicamp.br/cursos/nt/ta1.3.htm>. Acesso em: 19 jul. 2021.

OLIVEIRA, Amália Rebouças de Paiva e. A educação física no século XXI: caminhando para inclusão. In: RODRIGUES, Irene Elias (org.). **Educação Inclusiva**: um desafio para o século XXI. Jundiaí, Paco Editora: 2016. p. 91-105.

OLIVEIRA, Patricia Santos de. **Consultoria Colaborativa como estratégia para promover inclusão escolar em aulas de Educação Física**. 2018. 182 f. Tese (Doutorado em Educação Especial) - Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos, 2018.

PAULA, Ana Rita de. Artigo 3 – Princípios Gerais. In: RESENDE, Ana Paula Crosara; VITAL, Flavia Maria de Paiva (org.). **A Convenção sobre Direitos das Pessoas com Deficiência Comentada**. Brasília: Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, 2008.

RODRIGUES, David. A Educação Física Perante a Educação Inclusiva: Reflexões Conceptuais e Metodológicas. **Boletim da Sociedade Portuguesa de Educação Física**, Lisboa, n. 24-25, p. 73-81, 2003. Disponível em:

<https://boletim.spef.pt/index.php/spef/article/view/111/98>. Acesso em: 19 jul. 2021.

ROSSI, Patrícia; MUNSTER, Mey de Abreu Van. Formação Inicial em Educação Física na perspectiva inclusiva: a percepção de licenciandos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO, 7., 2019, Bauru. **Anais [...]**. Bauru: UNESP, 2019. Disponível em: [https://cbe.fc.unesp.br/main/users/36819813880/paper_TC20192116663689\(corrigido\)-ID.pdf](https://cbe.fc.unesp.br/main/users/36819813880/paper_TC20192116663689(corrigido)-ID.pdf). Acesso em: 28 set. 2023.

SANTOS, Francianne Farias dos. **Inclusão escolar**: o olhar dos alunos com deficiência sobre as aulas de educação física. 2019. 99 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de

Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2019.

SANTOS, Francianne Farias dos; MATOS, Maria Almerinda de Souza; SANTOS, João Otacilio Libardoni dos. Fatores Potencializadores e/ou Dificultadores do Processo de Inclusão de alunos com deficiência nas aulas de Educação Física. **Revista Educação**, Santa Maria, v. 45, p. 1-25, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/42654#:~:text=Com%20base%20nos%20estudos%20encontrados,Ensino%2C%20Trabalho%20Colaborativo%20e%20Forma%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 19 dez. 2022.

SEABRA JÚNIOR, Luiz. **Educação Física e Inclusão Educacional: Entender para Atender**. 2012. 220 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2012.

SILVA, Érika Priscila de Sousa; SANTOS, José Carlos dos; NERY; Simone Silva Santos; BRITO, Aline de Freitas. Professores de educação física e inclusão: ainda há caminhos para percorrer. **Revista Educação**, Santa Maria, v. 47, n. 1, p. 1–24, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/64461>. Acesso em: 14 out. 2023.

SILVA, Gabriel Gomes da; SILVEIRA, Jennifer Rodrigues; MARQUES, Alexandre Carriconde. Inclusão, formação e educação física: uma análise na perspectiva dos professores. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 25, 2022. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/pef/article/view/69956/38375>. Acesso em: 14 out. 2023.

SILVA, Renata Maldonado; RIBEIRO, Luana Leal. Permanências do modelo médico nos discursos dos professores da educação especial. **Revista Educação, Artes e Inclusão**, Florianópolis, v. 13, n. 01, jan./abr. 2017. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/9378>. Acesso em: 10 jan. 2023.

SILVEIRA, Ana Beatriz de Alcântara; SILVA; Eduardo Vinícius Mota e; SILVA, Maria Eleni Henrique da; MOREIRA, Hélvio Feliciano; SIMIM, Mário Antônio de Moura. Professores de Educação Física Escolar estão preparados para atuar com pessoas com deficiência?. **Rev. Assoc. Bras. Ativ. Mot. Adapt.**, Marília, v.22, n.1, p. 81-98, jan./jun., 2021. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/sobama/article/view/9001>. Acesso em: 14 out. 2023.

STAINBACK, William; STAINBACK, Susan. Colaboração, Rede de Apoio e Construção de Comunidade. *In*: STAINBACK, W.; STAINBACK, S. **Inclusão: Um Guia para Educadores**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999. p. 223-230.

STEMPCZYNSKI, Emanuele; SILVA, Mônica Telli Moreno da. Educação Física Inclusiva, Necessidades Educacionais Especiais (NEE) Na Escola Regular no Município de Getúlio Vargas – RS. **Revista de Educação do IDEAU**, Getúlio Vargas, v 9, n. 19, p. 1-13, jan./jun. 2014. Disponível em: https://www.bage.ideau.com.br/wp-content/files_mf/895eaac74e823d699e7657df0aaa6e8a6_1.pdf. Acesso em: 8 dez. 2022.

UNESCO. **Declaração de Salamanca Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais**. Espanha, 10 de junho de 1994. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acesso em: 13 out. 2023.

SOBRE OS AUTORES

Francianne Farias dos Santos. Doutoranda em Educação pela UFAM. É membro do Laboratório de Estudos em Comportamento Motor Humano - LECOMH. Bolsista FAPEAM. Contribuição de autoria: Autora - Análise Formal, Curadoria de Dados, Escrita – Primeira Redação, Escrita – Revisão e Edição, Investigação, Metodologia.

Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/7628860808088698>

Dorimar Gomes Ferreira. Mestra em Educação pela UFAM. Assessora de Gestão da Seduc. É membro do Laboratório de Estudos em Comportamento Motor Humano - LECOMH. Contribuição de autoria: Autora - Análise Formal, Conceituação, Escrita, Revisão e Edição, Metodologia.

Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/9859226825841227>

João Otacilio Libardoni dos Santos. Doutor em Ciências do Movimento pela UDESC. Docente da UFAM. É membro do Laboratório de Estudos em Comportamento Motor Humano - LECOMH e do Conselho Estadual de Saúde do Amazonas.

Contribuição de autoria: Autor - Administração do Projeto, Análise Formal, Conceituação, Curadoria de Dados, Escrita - Revisão e Edição, Investigação, Metodologia, Obtenção de Financiamento e Recursos.

Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1487941865277973>

Como referenciar

SANTOS, Francianne Farias dos; FERREIRA, Dorimar Gomes; SANTOS, João Otacilio Libardoni dos. O professor de educação física e os entraves na escolarização de estudantes com deficiência. **Revista Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 20, n.51, e13891, 2024. DOI: 10.22481/praxisedu.v20i51.13891.